

O Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil): a melhor ciência é prover saúde para todos*

Paulo Andrade Lotufo¹

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brasil

Duas situações: março de 2018. Universidade de Duke, Estados Unidos. O chefe dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos abre uma conferência sobre epidemiologia mundial, apresentando os 60 estudos de coorte mais importantes existentes na atualidade. Dentre os primeiros slides, estava um mapa-múndi com a área correspondente ao Brasil mostrando a presença de um estudo de coorte no país. Esse estudo era o Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil), um projeto de pesquisa que se originou e foi financiado neste país e que atendeu a todos os requisitos de qualidade para estar no time principal da ciência mundial. Agosto de 2004. Auditório do Hospital Universitário, Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Após dois dias de reuniões, pesquisadores da USP, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, Rio de Janeiro) e das universidades federais de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Bahia, lançam uma proposta para estudar os determinantes de doenças cardíacas e diabetes em uma população brasileira. Nasce o plano do que se tornaria o ELSA-Brasil.

Entre esses dois momentos, muitas coisas aconteceram. Em 2005, o Ministério da Saúde brasileiro incorporou

a proposta que foi delineada em agosto de 2004 e, junto ao Ministério da Ciência e Tecnologia, lançou uma chamada para o financiamento de um estudo multicêntrico sobre doenças cardiovasculares e doenças não transmissíveis. Essa chamada pública foi vencida pelas seis universidades, que começaram a organizar o ELSA-Brasil.

Em 2006, 2007 e durante a primeira metade de 2008, questionários, manuais e protocolos de pesquisa foram criados. Instalações para investigação clínica foram construídas ou reformadas nas seis universidades. Um centro de criobiologia sem precedentes foi estabelecido para servir a todo o estudo. Paralelamente, centros de leitura de ultrassom e eletrocardiograma entraram em funcionamento.

Desse modo, em agosto de 2008, tudo estava pronto para o primeiro grande projeto epidemiológico do Brasil. O principal detalhe que ainda faltava era os participantes do ELSA. Quando os convites para participação foram enviados, houve uma resposta imediata e imensa nas seis universidades. O número de participantes foi tão grande que os organizadores foram forçados a parar de aceitar participantes quando o total atingiu 15.105, devido ao limite de recursos. O contato inicial no local de trabalho, seguido por extensa bateria de exames, foi muito bem recebido.

¹Professor Adjunto do Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).
 orcid.org/0000-0002-4856-8450

*Este editorial foi previamente publicado em inglês no periódico São Paulo Medical Journal, volume 136, edição número 6, novembro e dezembro de 2018.

Agradecimentos: O autor agradece os 15.105 voluntários do ELSA-Brasil, todos os pesquisadores e estudantes envolvidos no estudo, o Ministério da Saúde e o Ministério da Ciência e Tecnologia pelo apoio durante o período do estudo.

Endereço de correspondência:
 Centro de Pesquisa Clínica e Epidemiologia, Hospital Universitário (HU),
 Universidade de São Paulo (USP)
 Av. Prof. Lineu Prestes, 2.565
 Butantã — São Paulo (SP) — Brasil
 Tel. (+55 11) 3091-9300
 E-mail: palotuf@usp.br

Fontes de financiamento: nenhuma. Conflito de interesse: Paulo Andrade Lotufo é o Pesquisador Principal do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil, local São Paulo).

Após 10 anos, os principais atores nesse projeto, isto é, os sujeitos do ELSA-Brasil, ainda estavam participando ativamente por meio da resposta de contatos por telefone ano após ano. Uma segunda rodada de visitas foi organizada em 2012-2014 e uma terceira, em 2017-2018. Até o momento, mais de 200 artigos originais foram publicados usando dados do ELSA-Brasil; 100 dissertações e teses foram defendidas; mais de 1.000 alunos de mestrado e doutorado, além de colegas de pesquisa clínica, foram treinados e então incorporados no mercado de trabalho; e a epidemiologia brasileira foi integrada aos principais centros científicos em todo o mundo.

O impacto do ELSA-Brasil não pode ser mensurado apenas em termos de publicações. Estudos brasileiros começaram a adotar os métodos de pesquisa e o modelo de criobiologia desse estudo. Laboratórios clínicos adotaram padrões que foram obtidos por meio do ELSA-Brasil, ao invés de usarem padrões oriundos de populações estrangeiras.

Durante esse período, colaborações intensivas foram estabelecidas com universidades estrangeiras, tais como a Universidade de Harvard (Boston, EUA), Universidade de Brown (Providence, EUA), Universidade Johns Hopkins (Baltimore, EUA), Universidade de Miami (Miami, EUA),

Universidade de North Carolina (Chapel Hill, EUA), Universidade de Wisconsin (Madison, EUA), Universidade Erasmus (Rotterdam, Holanda) e Universidade de Amsterdam (Amsterdam, Holanda).

Entretanto, o desfecho mais importante foi a produção de guias de aplicação no Sistema Único de Saúde com relação a dieta, hipertensão, diabetes, doenças renais, transtornos mentais, disfunção cognitiva, dor de cabeça e doenças da tireoide. Ele completa um ciclo virtuoso: o financiamento por parte do Ministério da Saúde para a ciência produziu retornos que beneficiam todos os cidadãos por meio de uma nova abordagem de doenças não transmissíveis.

A trajetória do ELSA-Brasil mostra que é possível que cientistas brasileiros com objetivos comuns trabalhem juntos a longo prazo, enquanto revela a alta proporção de pessoas altruístas dispostas a serem voluntárias em ações que beneficiarão todos por muito tempo.

Voltando ao que ocorreu na conferência de epidemiologia mundial nos Estados Unidos em março de 2018: o Brasil não possui um arsenal nuclear, mas está armado com ciência para melhorar as condições de vida da humanidade, assim, contribuindo para a compreensão da relação entre saúde e doença.

REFERÊNCIA

1. Acesso à coleção completa de artigos do ELSA-Brasil pode ser requisitado por meio do e-mail: palotufu@usp.br